



Apresentação do dossiê “CMD, 20 anos” – Parte II

Edson Farias¹

1. Pesquisador do *Conselho Nacional de Pesquisa* – CNPq. Professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Sociedade e Linguagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do grupo de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD/UnB). Coordenador do Comitê de Pesquisa em Sociologia da Cultura da SBS. Membro do Comitê de Patrimônio e Cultura Brasileira da ANPOCS. Editor da revista Arquivos do CMD.



2. BOURDIEU, Pierre. Esboço de Auto-análise. São Paulo : Cia das Letras, 2005.

Dividido em duas partes, publicadas nesta e na edição anterior da revista Arquivos do CMD, o dossiê “CMD, 20 anos”, como sugere o título, faz parte das atividades em comemoração às duas décadas do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento. Nas suas duas versões, nele estarão reunidas comunicações apresentadas na edição do XXVI Seminário Interno de Pesquisa do grupo, ocorrido entre 30 de novembro e 02 de dezembro de 2022, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista.

Com nítida inspiração na postura bourdieusina de objetivação do sujeito da objetivação científica, em particular como o sociólogo o realiza ao focar o seu próprio trajeto em *Esboço de uma Socioanálise*², o Conselho Gestor do CMD deliberou, como requisito às apresentações nesse seminário, que as falas deveriam expor, em forma de relato biográfico-intelectual, as respectivas trajetórias formativas dos/as participantes em seus específicos campos disciplinares. A reconstrução dos percursos, porém, deveria se dar à luz do desenho de uma problemática própria de pesquisa, estudos e reflexão reiterada no compasso da atualização desta no encadeamento mesmo de

trabalhos em que se objetiva cada um dos percursos.

Longe de desprezar, no entanto sem o intuito de embarcar nas tantas celeumas que envolvem as reconstruções biográficas nos âmbitos das ciências sociais e historiográficas, a expectativa do Conselho Gestor estava na aposta de que, ao fazer esse desafio aos/às potenciais expositores/as, o resultado obtido seria o traçado de um amplo painel do conjunto de problematizações, objetos de conhecimento e modos de abordagem constituído pelas muitas trajetórias. Bem mais que o que alcance tão largo quanto diverso, possível com a visibilidade adquirida pelos diferentes trajetos, a motivação estava em transcender a justaposição dos percursos. O objetivo era, mediante o quadro discursivo no qual se flagra os vários itinerários intelectuais, tornar visível a síntese em que estão plasmadas as montagens institucional e cognitiva do CMD como domínio de conhecimento realizado simultaneamente nos planos da investigação, produção, circulação, debate e reflexão.

Os resultados não poderiam ser melhores, como poderão ser conferidos nos textos que compõem esta e também a segunda parte deste dossiê.

A concatenação entre o ensaio memorialístico e os esforços monográficos visando embasar e controlar os argumentos defendidos por meio da in-



terpelação de *corpus* empíricos resultantes de sistematizações de dados, por meio de critérios teorico-analíticos, confere o tom das diferentes reconstruções de trajetórias. O exame das respectivas condições de possibilidade dos específicos trajetos, assim, é parte crucial da reflexividade resultante da vigilância epistemológica possível na medida em que foram levadas à condição do objeto de pensamento, as mediações entretidas no conjunto e em cada estágio dos diferentes percursos. Há, porém, junto do recurso sociobiográfico, manejado nas falas, a intervenção de uma componente não passível de ser ilidida – a saber, a emoção. Desde as “madeleines” na *recherche* proustiana, sabemos estar o exercício mnemônico sujeito às situações desconcertantes, pois estão à mercê do sequestro da faculdade do esclarecimento não somente pelas maquinações imaginativas, sobretudo, devido às consequências não premeditadas do traço involuntário das reminiscências. Com essas, pode-se mergulhar nas águas turvas de uma profundidade densa, àquela dos intensos sentimentos cujas durações desconhecem as fragmentações cronológicas. As coordenadas sistêmicas, em obediência às funcionalidades institucionais, se anteciparam designando as finalidades e critérios aos distintos exercícios mnemônicos que deveriam se objetivarem nas

exposições durante o seminário. As vicissitudes da encomenda feita aos/às expositores/as, entretanto, escaparam ao comando emitido pelo Conselho Gestor do CMD.

Evocados, os cromatismos próprios às experiências remontadas imaginário-discursivamente em cada uma das exposições, tão somente foram performados nas trocas públicas de sentido ritualizadas de acordo com o protocolo daquele seminário de pesquisa. Ao mesmo tempo, para além de matéria-prima e combustível às expressões dos/as participantes, as intensidades próprias às cargas afetivas relativas às durações ali encenadas, estiveram no respaldo elementar do compartilhamento do que foi comungado. Algo assim suscita o acesso à outra dimensão inalienável da história do CMD, mas que não lhe é exclusiva, a saber, a continuidade das reverberações das tantas e muitas das vezes inusitadas afetações provocadas nas dependências mútuas que se estabelecem nas situações de interlocução intelectual.

Para esta segunda parte do dossiê, os textos estão distribuídos na seguinte sequência:

Com o ensaio “Imprensa infantojuvenil: leituras que viajam entre memória, ciência e cultura”, Andréa Borges Leão tem o objetivo de analisar a proposta editorial do jornal *Joca*, que se revela um



rico material para pensar as relações entre a produção simbólica voltada para jovens e os processos de transmissão de conhecimentos sobre a sociedade. No primeiro momento, a autora apresenta uma sociogênese da imprensa infantil brasileira em perspectiva comparada com as balanças de identificação nós-eu de outras produções nacionais. No momento seguinte, é posto em debate as construções de autoimagens de inovação/novidade em contraposição a autoimagens da tradição, que orientam a proposta editorial do jornal Joca.

Saulo Nepomuceno Furtado de Araújo, em “Um difícil lugar na pesquisa da cultura periférica: o estudo do popular comercial como estratégia”, tem a finalidade de apresentar diferentes situações vivenciadas na prática de pesquisa, e as estratégias mobilizadas a partir das condições objetivas de posicionamento do investigador no curso das últimas duas décadas no estudo dos fenômenos ligados à produção, consumo e distribuição de eventos, conteúdos musicais e videomusicais produzidos nas periferias urbanas do Brasil. A partir da exposição das possibilidades e limites encontrados no curso da trajetória do pesquisador seja no contexto acadêmico, seja na vivência das situações de campo, o objetivo é o de apresentar um relato autobiográfico entremeado

pelo delineamento das dinâmicas observadas no plano das produções culturais periféricas, especialmente em suas formas de expressão musicais nas duas últimas décadas.

Uma trajetória de pesquisa se revela promissora no momento em que proporciona ao pesquisador encontros que lhe mobilizam e despertam para algo em comum entre o cotidiano e o objeto de pesquisa: ou seja, perceber que as fundamentações teóricas que embasam seu trabalho lhe fornecem elementos para compreender aspectos da própria vida. Assim, Givanildo Brito Nunes, com “Eu e o CMD: uma transa mobilizadora e reveladora de memória, afeto e criação”, elabora a categoria “transa” com o intuito de potencializar bem mais que uma criação em si, porque se esforça para a tornar um artefato de tradução do próprio amadurecimento possibilitado pelas mobilizações afetivas provenientes das relações com o grupo CMD (e pelas múltiplas leituras) ao longo dos anos de pesquisa.

“Os sentidos de ‘trauma’ na imprensa. Uma análise de discursos a partir de arquivos do Globo” se impõe à tarefa de compreender os sentidos de “trauma” na imprensa, a partir dos arquivos do jornal O Globo para o ano de 2023 até o mês de novembro. De acordo com Wedencley Alves e Gabrielle Sevidanes,



EDSON FARIAS

trata-se de uma amostragem parcial dentro de um estudo mais amplo sobre como veículos de imprensa discursivizam este significante. Como eles ressaltam, não é objetivo dessa perspectiva discursiva discutir “o que é o trauma”, numa abordagem propriamente clínica; mas entender a reprodução e deslocamento de sentidos sobre “trauma”, admitindo que a imprensa é um espaço social relevante dessa produção. Como resultado parcial dessa pesquisa, ainda em curso, observam os autores, foi possível perceber que há um processo de extensão semântica da palavra “trauma”, com deslizamento de sentidos – e, portanto, com provável efeito looping, de identificação – que o faz sinônimo de “tristeza”, “frustração”, “decepção”, entre outros, além propriamente de uma tipificação do “sofrimento psíquico” oferecida pelos discursos institucionalizados.